

As Ciências Biológicas e da Saúde na Contemporaneidade

**Nayara Araújo Cardoso
Renan Rhonalty Rocha
Maria Vitória Laurindo
(Organizadores)**

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Nayara Araújo Cardoso
Renan Rhonaly Rocha
Maria Vitória Laurindo
(Organizadores)

As Ciências Biológicas e da Saúde na Contemporaneidade

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C569 As ciências biológicas e da saúde na contemporaneidade [recurso eletrônico] / Organizadores Nayara Araújo Cardoso, Renan Rhonalty Rocha, Maria Vitória Laurindo. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (As Ciências Biológicas e da Saúde na Contemporaneidade; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-215-9

DOI 10.22533/at.ed.159192803

1. Ciências biológicas. 2. Biologia – Pesquisa – Brasil. 3. Saúde – Brasil. I. Cardoso, Nayara Araújo. II. Rocha, Renan Rhonalty. III. Laurindo, Maria Vitória. IV. Série.

CDD 574

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

APRESENTAÇÃO

A obra “As Ciências Biológicas e da Saúde na Contemporaneidade” consiste de uma série de livros de publicação da Atena Editora, em seus 35 capítulos do volume I, a qual apresenta estratégias para a promoção da saúde em diferentes âmbitos, assim como o detalhamento de patologias importantes.

A promoção da saúde trata-se de um processo que permite aos indivíduos aumentar o controle sobre os fatores determinantes para sua saúde, a fim de propiciar uma melhoria destes. Este processo inclui ações direcionadas ao fortalecimento das capacidades e habilidades dos indivíduos, e também atividades direcionadas a mudanças das condições sociais, ambientais e econômicas para minimizar seu impacto na saúde individual e pública. Dentre as estratégias utilizadas para a promoção da saúde estão inclusas: a promoção da alimentação saudável, o estímulo à realização de atividades físicas, a redução dos fatores de riscos para doenças crônicas por meio de medidas preventivas, entre outros.

As estratégias de promoção à saúde têm como um de seus objetivos gerais a prevenção de doenças crônicas, uma vez que estas são condições que não tem cura, contendo longa duração, progressão lenta e que ocasionam sofrimento e redução da qualidade de vida do paciente e de seus familiares. Dentre as principais doenças crônicas que acometem a população estão as doenças cardiovasculares, como hipertensão e insuficiência cardíaca, diabetes, câncer, doenças renais crônicas e distúrbios psiquiátricos.

Com o intuito de colaborar com os dados já existentes na literatura, este volume I traz atualizações sobre métodos de promoção à saúde, em diferentes instâncias sociais e noções relevantes sobre as principais patologias crônicas, assim esta obra é dedicada tanto à população de forma geral, quanto aos profissionais e estudantes da área da saúde. Desse modo, os artigos apresentados neste volume abordam: fatores de risco para o desenvolvimento de doenças crônicas; análises epidemiológicas e demográficas em diferentes contextos sociais; aperfeiçoamento de estratégias para alimentação saudável; atualizações sobre diagnóstico e prognóstico de diferentes neoplasias; humanização do atendimento em unidades de saúde e uso de terapias alternativas para o tratamento de doenças crônicas.

Sendo assim, almejamos que este livro possa colaborar com informações relevantes aos estudantes e profissionais de saúde sobre diferentes estratégias para a promoção da saúde, que podem ser usadas para aprimorar a prática profissional, e também para a população de forma geral, apresentando informações atuais sobre prevenção, diagnóstico e terapias de doenças crônicas.

Nayara Araújo Cardoso
Renan Rhonalty Rocha
Maria Vitória Laurindo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: HUMANIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA COM AUXÍLIO DE UMA EDUCAÇÃO PERMANENTE	
Bárbara Maria Machado Dallaqua Leandra Caetano do Nascimento Marília Egea Fernando Henrique Apolinário	
DOI 10.22533/at.ed.1591928031	
CAPÍTULO 2	11
A ADESÃO AO EXAME COLPOCITOLÓGICO: UMA REVISÃO LITERÁRIA	
Karoline Dorneles Figueiredo Marinna Sá Barreto Leite de Araújo e Meira Paulo Bernardo Geines de Carvalho Raphaella Mendes Arantes	
DOI 10.22533/at.ed.1591928032	
CAPÍTULO 3	17
COMPREENDENDO A RELAÇÃO DA HIPERTENSÃO ARTERIAL E OBESIDADE ABDOMINAL DE MULHERES NA PÓS-MENOPAUSA	
Élica Natália Mendes Albuquerque Karina Pedroza de Oliveira Camila Pinheiro Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.1591928033	
CAPÍTULO 4	27
MARCADORES DE TRABALHO DE PARTO PREMATURO	
Sílvia de Lucena Silva Araújo Julia Peres Danielski Rossana Pereira da Conceição Frederico Timm Rodrigues de Sousa Felipe de Vargas Zandavalli Guilherme de Lima Matheus Zenere Demenech Marina Possenti Frizzarin Daiane Ferreira Acosta Daniele Ferreira Acosta Celene Maria Longo da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1591928034	
CAPÍTULO 5	34
PERFIL ALIMENTAR E NUTRICIONAL DE GESTANTES NO NORDESTE BRASILEIRO	
Maria Dinara de Araújo Nogueira Mariana da Silva Cavalcanti Amanda de Moraes Lima Carine Costa dos Santos Carlíane Vanessa Souza Vasconcelos Ana Angélica Romeiro Cardoso Rafaela Dantas Gomes Juliana Soares Rodrigues Pinheiro Géssica Albuquerque Torres Freitas Maria Raquel da Silva Lima	
DOI 10.22533/at.ed.1591928035	

CAPÍTULO 6	41
PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E MOTIVAÇÃO DA ESCOLHA PROFISSIONAL DOS AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE DAS UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE PARCEIRAS DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO	
Sílvia Patrícia Ribeiro Vieira Suzane Brust de Jesus Marciana Pereira Praia Clara Fernanda Brust de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.1591928036	
CAPÍTULO 7	55
PRINCIPAIS DEMANDAS DE UM COMITÊ DE ÉTICA DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO PRIVADA	
Luciana de Paula Lima e Schmidt de Andrade Grace Maria Brasil Fontanet	
DOI 10.22533/at.ed.1591928037	
CAPÍTULO 8	62
PROCEDIMENTOS CIRÚRGICOS EM HOSPITAL DE MÉDIO PORTE: ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA	
Andréia Gonçalves dos Santos Cleidiney Alves e Silva Jéssica de Carvalho Antunes Barreira Jackeline Ribeiro Oliveira Guidoux Thales Resende Damião Gustavo Nader Guidoux	
DOI 10.22533/at.ed.1591928038	
CAPÍTULO 9	75
REFLEXÕES SOBRE O DIREITO UNIVERSAL À ANAMNESE CLÍNICA NA NOVA ERA DA AUTONOMIA DOS PACIENTES	
Antonio Augusto Masson Lívia Conti Sampaio Ana Carolina S. Mendes Cavadas	
DOI 10.22533/at.ed.1591928039	
CAPÍTULO 10	84
REGULAÇÃO DO CÁLCIO E FÓSFORO NA SAÚDE BUCAL	
Camila Teixeira do Nascimento Mariáli Muniz Sassi Mariana Meira França Fabio Alexandre Guimarães Botteon	
DOI 10.22533/at.ed.15919280310	
CAPÍTULO 11	91
RELAÇÃO ENTRE ESTRESSE E CONDUTAS DE SAÚDE DE RESIDENTES MULTIPROFISSIONAIS EM SAÚDE	
Fabiola Feltrin Luciane Patrícia Andreani Cabral Danielle Bordin Cristina Berger Fadel	
DOI 10.22533/at.ed.15919280311	

CAPÍTULO 12	103
RELAÇÕES DE SABER E PODER NA ENFERMAGEM: CONTRIBUIÇÕES DE MICHAEL FOUCAULT Marcelen Palu Longhi DOI 10.22533/at.ed.15919280312	
CAPÍTULO 13	119
RISCO EM REPROCESSAMENTO DE PRODUTOS PARA SAÚDE EM UNIDADES BÁSICAS DE SALVADOR, BA Eliana Auxiliadora Magalhães Costa Quézia Nunes Frois dos Santos Isabele dos Santos Dantas DOI 10.22533/at.ed.15919280313	
CAPÍTULO 14	130
SENSIBILIDADE E ESPECIFICIDADE DOS MÉTODOS DA MEDICINA NUCLEAR NA IDENTIFICAÇÃO E DIFERENCIAÇÃO DE GLIOMAS Rayanne Pereira Mendes Emilly Cristina Tavares Katriny Guimarães Couto Laura Divina Souza Soares Nágila Pereira Mendes DOI 10.22533/at.ed.15919280314	
CAPÍTULO 15	135
SISTEMATIZAÇÃO DO CUIDADO A USUÁRIO COM NEOPLASIA MALIGNA DE OROFARINGE: RELATO DE CASO Janaina Baptista Machado Ingrid Tavares Rangel Patrícia Tuerlinckx Noguez Franciele Budziareck Das Neves Luiz Guilherme Lindemann Aline da Costa Viegas Silvia Francine Sartor Taniely da Costa Bório DOI 10.22533/at.ed.15919280315	
CAPÍTULO 16	143
TRANSIÇÃO DEMOGRÁFICA E EPIDEMIOLÓGICA DE RORAIMA Maria Soledade Garcia Benedetti Thiago Martins Rodrigues Roberto Carlos Cruz Carbonell Calvino Camargo DOI 10.22533/at.ed.15919280316	
CAPÍTULO 17	152
USO DE FITOTERÁPICOS E PLANTAS MEDICINAIS EM PACIENTES HIPERTENSOS ATENDIDOS EM UMA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE DE FORTALEZA - CE José Wilson Claudino Da Costa Ana Thaís Alves Lima Beatris Mendes Da Silva Oslen Rodrigues Garcia Ingrid Melo Araújo DOI 10.22533/at.ed.15919280317	

CAPÍTULO 18 156

USO DE LIPOENXERTO EM CICATRIZ EXCISÃO DE SARCOMA EM MEMBRO INFERIOR

Ananda Christiny Silvestre
Bárbara Oliveira Silva
Beatriz Aquino Silva
Citrya Jakelline Alves Sousa
Débora Goerck
Marianna Medeiros Barros da Cunha
Rodrigo Gouvea Rosique
Tuanny Roberta Beloti

DOI 10.22533/at.ed.15919280318

CAPÍTULO 19 161

CONCURSO LANCHES SAUDÁVEIS, DE BAIXO CUSTO E PRÁTICOS PARA CANTINAS DE INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR: UMA EXPERIÊNCIA EXITOSA

Maria Claret Costa Monteiro Hadler
Ariandeny Silva de Souza Furtado
Maria Das Graças Freitas de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.15919280319

CAPÍTULO 20 173

EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL: DESENVOLVIMENTO DE ESTRATÉGIAS PARA OS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS PELOS PRÉ-ESCOLARES DE COMUNIDADES NO INTERIOR DO CEARÁ

Ana Paula Apolinário da Silva
Luciana Freitas de Oliveira
João Xavier da Silva Neto
Ana Paula Moreira Bezerra
Karina Pedroza de Oliveira
Maressa Santos Ferreira
Luiz Francisco Wemmenson Gonçalves Moura
Eva Gomes Moraes
Larissa Alves Lopes
Marina Gabrielle Guimarães de Almeida
Tiago Deiveson Pereira Lopes
Camila Pinheiro Pereira

DOI 10.22533/at.ed.15919280320

CAPÍTULO 21 179

EFEITO MIDRIÁTICO DA FENILEFRINA A 10%: COMPARAÇÃO ENTRE A AUTOINSTILAÇÃO DE GOTA EM OLHOS ABERTOS E A VAPORIZAÇÃO EM OLHOS FECHADOS

Arlindo José Freire Portes
Anna Carolina Silva da Fonseca
Camila Monteiro Ruliere
Luiz Felipe Lobo Ferreira
Nicole Martins de Souza

DOI 10.22533/at.ed.15919280321

CAPÍTULO 22 187

A MÚSICA NA SALA DE ESPERA COMO ESPAÇO DE ACOLHIMENTO E PROMOÇÃO À SAÚDE

Márcia Caroline dos Santos
Tatiane Maschetti Silva
Bárbara Vukomanovic Molck
Mariah Aguiar Arrigoni
Guilherme Correa Barbosa
Cintia Aparecida de Oliveira Nogueira

DOI 10.22533/at.ed.15919280322

CAPÍTULO 23 194

A UNIVERSIDADE E SEU PAPEL CONTEMPORÂNEO NO ENVELHECIMENTO: UMA VIVENCIA DE REFLEXOLOGIA NA ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA

Daisy de Araújo Vilela
Ana Lucia Rezende Souza
Keila Márcia Ferreira de Macedo
Marina Prado de Araújo Vilela
Isadora Prado de Araújo Vilela
Pedro Vitor Goulart Martins
Julia Ester Goulart Silvério de Carvalho
Juliana Alves Ferreira
Marianne Lucena da Silva

DOI 10.22533/at.ed.15919280323

CAPÍTULO 24 202

ADESÃO AO TRATAMENTO COM CPAP/VPAP EM PACIENTES PORTADORES DA SÍNDROME APNEIA OBSTRUTIVA DO SONO

Jasom Pamato
Kelser de Souza Kock

DOI 10.22533/at.ed.15919280324

CAPÍTULO 25 214

AVALIAÇÃO DA IMAGEM CORPORAL E A INTENÇÃO EM REALIZAR CIRURGIAS PLÁSTICAS EM UMA POPULAÇÃO DE UNIVERSITÁRIOS DA ÁREA DA SAÚDE

João Vitor Moraes Pithon Napoli
Vitor Vilano de Salvo
José Vinicius Silva Martins
Edgar da Silva Neto
Gabriel Stecca Canicoba
Monique pinto saraiva de oliveira
Lavinia Maria Moraes Pithon Napoli

DOI 10.22533/at.ed.15919280325

CAPÍTULO 26 225

AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA DE PACIENTES SUBMETIDOS À HEMODIÁLISE NA REGIONAL GOIANA DE SAÚDE SUDOESTE I

Ana Cristina de Almeida
Ana Luiza Caldeira Lopes
Erica Carolina Weber Dalazen
Isabella Rodrigues Mendonça
Fernandes Rodrigues de Souza Filho
Jair Pereira de Melo Júnior

DOI 10.22533/at.ed.15919280326

CAPÍTULO 27	232
COMPOSIÇÃO DA REDE SOCIAL DOS ADOLESCENTES QUE FREQUENTAM UMA <i>LAN HOUSE</i>	
Lorrâne Laisla de Oliveira Souza	
Leonardo Nikolas Ribeiro	
Danty Ribeiro Nunes	
Marilene Rivany Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.15919280327	
CAPÍTULO 28	245
DOENÇA RENAL CRÔNICA E SAÚDE COLETIVA: REVISÃO DE LITERATURA	
Leonardo Ayres Neiva	
Lucas Ramos de Paula	
Rafael Assem Rezende	
Queren Hapuque Barbosa	
Taciane Elisabete Cesca	
Raquel Gomes Parizzotto	
Lorena Oliveira Cristovão	
DOI 10.22533/at.ed.15919280328	
CAPÍTULO 29	251
GRUPOS TERAPÊUTICOS COMUNITÁRIOS: UMA PROPOSTA DE EMPODERAMENTO DOS USUÁRIOS NA ATENÇÃO BÁSICA	
Polyana Luz de Lucena	
Marcela Medeiros de Araujo Luna	
Arethusa Eire Moreira de Farias	
Vilma Felipe Costa de Melo	
DOI 10.22533/at.ed.15919280329	
CAPÍTULO 30	256
MAGNITUDE E COMPORTAMENTO DAS DOENÇAS DE NOTIFICAÇÃO COMPULSÓRIA NO ESTADO DE RORAIMA	
Maria Soledade Garcia Benedetti	
Thiago Martins Rodrigues	
Roberto Carlos Cruz Carbonell	
Calvino Camargo	
DOI 10.22533/at.ed.15919280330	
CAPÍTULO 31	264
MITOS E CRENÇAS: UMA AÇÃO POPULAR PARA CUIDAR DA SAÚDE	
Rodrigo Silva Nascimento	
Juliano de Souza Caliarí	
Cássia Lima Costa	
DOI 10.22533/at.ed.15919280331	
CAPÍTULO 32	269
MORTALIDADE POR NEOPLASIAS QUE POSSUEM O TABAGISMO COMO FATOR DE RISCO	
Ana Luiza Caldeira Lopes	
Laís Lobo Pereira	
Yasmin Fagundes Magalhães	
Ana Cristina de Almeida	
Anna Gabrielle Diniz da Silva	
Kênia Alves Barcelos	
DOI 10.22533/at.ed.15919280332	

CAPÍTULO 33	276
NEUROFIBROMATOSE TIPO 1:CRITÉRIOS DE DIAGNÓSTICO PRECOCE	
Isabela Souza Guilherme Carolina de Araújo Oliveira Cesar Antônio Franco Marinho Leonardo Martins Silva	
DOI 10.22533/at.ed.15919280333	
CAPÍTULO 34	285
OS POTENCIAIS RISCOS DE ACIDENTE VASCULAR ENCEFÁLICO NA MANIPULAÇÃO CERVICAL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA	
Heldâneo Pablo Ximenes Aragão Paiva Melo Kedmo Tadeu Nunes Lira	
DOI 10.22533/at.ed.15919280334	
CAPÍTULO 35	296
CARACTERIZAÇÃO DO CONSUMO ALIMENTAR ATRAVÉS DE QUESTIONÁRIO SIMPLIFICADO E CORRELAÇÃO COM DOENÇAS CRÔNICAS NÃO TRANSMISSÍVEIS	
Ana Clara Reis Barizon de Lemos Andreia de Lima Maia Erika Cristina de Oliveira Chaves Guilherme Margalho Batista de Almeida Igor Batista Moraes Lucas Borges de Figueiredo Chicre da Costa Yasmine Henriques de Figueiredo Rebecchi	
DOI 10.22533/at.ed.15919280335	
CAPÍTULO 36	301
ENFRENTAMENTO DO SURTO DE COQUELUCHE PELA VIGILÂNCIA EPIDEMIOLÓGICA DE MIRANGABA-BA	
Jenifen Miranda Vilas Boas	
DOI 10.22533/at.ed.15919280336	
CAPÍTULO 37	313
PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E MOTIVAÇÃO DA ESCOLHA PROFISSIONAL DOS AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE DAS UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE PARCEIRAS DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO	
Sílvia Patrícia Ribeiro Vieira Suzane Brust de Jesus Marciana Pereira Praia Clara Fernanda Brust de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.15919280337	
CAPÍTULO 38	327
SABERES POPULARES SOBRE A AUTOMEDICAÇÃO: A UTILIZAÇÃO INDISCRIMINADA DE FITOTERÁPICOS	
Lúcia Aline Moura Reis Anna Carla Delcy da Silva Araújo Maira Cibelle da Silva Peixoto Kariny Veiga dos Santos Hellen Ribeiro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.15919280338	

CAPÍTULO 39 337

EDUCAÇÃO E PROMOÇÃO DE SAÚDE PARA GESTANTES, MÃES E CRIANÇAS À LUZ DA VISÃO DOS EXTENSIONISTAS

Eloisa Lorenzo de Azevedo Ghersel

Amanda Azevedo Ghersel

Noeme Coutinho Fernandes

Lorena Azevedo Ghersel

Herbert Ghersel

DOI 10.22533/at.ed.15919280339

SOBRE OS ORGANIZADORES..... 345

GRUPOS TERAPÊUTICOS COMUNITÁRIOS: UMA PROPOSTA DE EMPODERAMENTO DOS USUÁRIOS NA ATENÇÃO BÁSICA

Polyana Luz de Lucena

Faculdade de Enfermagem Nova Esperança
(FACENE)

João Pessoa-PB

Marcela Medeiros de Araujo Luna

Faculdade de Enfermagem Nova Esperança
(FACENE)

João Pessoa-PB

Arethusa Eire Moreira de Farias

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

João Pessoa -PB

Vilma Felipe Costa de Melo

Faculdade de Enfermagem Nova Esperança
(FACENE)

João Pessoa-PB

RESUMO: A Terapia Comunitária (TC) é uma tecnologia do cuidado a ser implantada pelas Equipes da Atenção Básica (AB). A TC é formada por Grupos Comunitários (GC) que buscam, através da fala e da escuta, o acolhimento, o autoconhecimento e a aproximação dos seus integrantes resultando em co-responsabilização e enfrentamento. Esses grupos têm estilo aberto permitindo a entrada de mais membros no decorrer da formação. Sugere a existência de um líder facilitador das atividades e o processo grupal, sendo um profissional no início e depois um membro experiente do grupo. Os GC voltados para a AB são propostos para

demandas impactando os indicadores de saúde oferecendo um espaço integrativo, onde os usuários participam no seu processo de cuidar de si e do outro. Assim, esses grupos comunitários podem acolher demandas em saúde, seguindo as necessidades do território a exemplo de: “GC de gestantes”, “GC de usuários de psicotrópicos”. Para isso, propõe-se a formação de GC vinculadas a AB em João Pessoa, coordenado, a princípio, pelos profissionais de saúde através de rodas de conversa, momentos vivenciais, trocas de experiências, desenvolvimento de temáticas junto com os usuários interessados e demais demandas da comunidade a fim de proporcionar aos membros empoderamento e práticas do cuidado. Com essa experiência, elaborar-se-á um Manual mediante as experiências-piloto para viabilizar sua replicação em outras Unidades Básicas de Saúde. Espera-se que a formação dos grupos com essa proposta, encontre sua capacidade terapêutica, fomentando o empoderamento dos usuários e como instrumento aliado às práticas do Cuidado.

PALAVRAS-CHAVE: Grupos Terapêuticos; Empoderamento; Atenção Básica.

1 | INTRODUÇÃO

De acordo com o Ministério da Saúde (MS) (Brasil, 2006), as formas tradicionais de

organização do trabalho em saúde a partir da ótica das profissões não são suficientes para assegurar a humanização das práticas do cuidado, gerando reflexões e atuações fragmentadas. Entre as experiências voltadas à saúde mental na Atenção Básica (AB), a Terapia Comunitária surge no panorama nacional como uma tecnologia do cuidado de amplo alcance e baixo custo operacional, podendo ser implantada pelas Equipes de Saúde na Família (ESF) na rotina das Unidades Básicas de Saúde (UBS) a fim de construir redes sociais humanitárias no intuito de minorar o sofrimento psíquico da população atendida. A partir da publicação da Portaria GM Nº 971 em Maio de 2006 que aprovou a Política Nacional de Práticas Integrativas (PNPIC), a Terapia Comunitária passa ser reconhecida pelo MS como Prática de Saúde Integrativa e Complementar especialmente em relação à Saúde Mental das pessoas da comunidade. A terapia comunitária integrativa é considerada uma tecnologia do cuidado. Enquanto conceito que fundamenta essas práticas, se pauta na formação de um coletivo que busca através do movimento de fala e de escuta dos seus integrantes, o autoconhecimento e a aproximação de um olhar diferenciado para suas vidas. É nesse espaço onde a comunidade pode se apropriar e compartilhar suas histórias e experiências de vida, aliando o saber popular ao cotidiano das práticas de saúde. A ligação entre esses integrantes-usuários se une a uma proposta de co-responsabilização dos usuários da AB no apoio, no enfrentamento e na busca de soluções (Carício, 2010). Os grupos comunitários na AB costumam ser espaços centrados em tipos de agravos, doenças ou demandas específicas do território de saúde (hipertensão, diabetes, cuidados com terceira idade, atividades físicas, etc.) com a finalidade de impactar nos indicadores de saúde e oferecer um espaço de integração onde os usuários tem participação ativa no seu processo de cuidar de si mesmo e do outro. O objetivo dos grupos comunitários é reforçar as habilidades de resiliência e de proteção mútua (Brasil, 2013; Zimerman & Osorio, 1997).

2 | OBJETIVOS

Tendo em vista esses pressupostos, o objetivo desse trabalho é o de propor a formação de grupos de terapia comunitária pelas equipes de Saúde da Família (ESF's), nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) do município de João Pessoa, com formato inicial coordenado pelos profissionais das mais diversas áreas (enfermeiro, fisioterapeuta, terapeuta holístico, psicólogo, agente comunitário de saúde, etc.) envolvidos no cuidado em saúde aos usuários e por estes últimos, com proposta de “rodas de conversa”, momentos vivenciais, desenvolvimento de temáticas a partir das demandas da comunidade, favorecendo o conhecimento original do usuário, culminado no seu empoderamento, gerando práticas do cuidado a partir da perspectiva deste, a fim de que o grupo possa ser desenvolvido na perspectiva de autogestão pela própria comunidade de acordo com suas necessidades.

3 | MÉTODOS

Para a realização deste trabalho, pretende-se lançar a proposta de formação dos grupos às gerências das UBS's nos cinco distritos sanitários do município de João Pessoa, a partir de reuniões com a equipe para explanação da configuração dos grupos através de um Manual “passo-a-passo” para a implantação desta prática, para posteriormente captar os usuários que tenham interesse, delimitando-se um público-alvo que podem ser escolhidos, dentre estes: mulheres gestantes, ou mulheres no climatério, ou idosos, ou adolescentes, ou homens, ou usuários de medicação psicotrópica, etc; para que, sejam planejadas as ações e o manejo do(s) mesmo(s): atividades, demandas dos sujeitos, temáticas a serem apresentadas, rodas de conversa, momentos vivenciais, etc. Há ainda a possibilidade de se buscar parcerias junto às Universidades e Faculdades através de projetos de extensão e discentes, reforçando o papel da Educação em saúde como um dos pilares de trabalho em Saúde Pública.

4 | DISCUSSÃO

A experiência com grupos, segundo Brasil (2013), proporciona uma troca de saberes e mudanças na subjetividade de seus integrantes a partir do seu manejo e da finalidade a que se destinam, diferentemente dos movimentos encontrados nos atendimentos individuais nos serviços de saúde; isto se dá por meio da diversidade e trocas de experiências entre os seus participantes, tornando o trabalho enriquecedor. De acordo com Ribeiro (1994), tudo o que ocorre no durante a sessão grupal provoca uma reflexão profunda nos participantes e muitas vezes os sentimentos ocorridos ali são compartilhados ou geridos individualmente. Todo o movimento do grupo segue para um ponto de mudanças significativas e o contato com a fala do outro é o elemento essencial desse processo. De acordo com os Cadernos da Atenção Básica em Saúde Mental (Brasil, 2013), o trabalho com grupos deve estar pautado na mutabilidade e na troca de vivências entre os profissionais e usuários envolvidos, sempre em conexão com a realidade de onde veio este sujeito a partir das suas experiências subjetivas, sejam elas familiares ou sociais. O grupo se configura como uma prestação de serviço à comunidade e um aliado à rede social de cuidado aos usuários, favorecendo a territorialidade. Essa perspectiva de grupos deve estar pautada no movimento entre a criatividade e a formalidade, preconizando a originalidade do saber do usuário, a fim de que sua realidade esteja em sintonia com a realidade dos profissionais envolvidos também no processo para que seus saberes sejam valorizados, quebrando-se assim a hegemonia do paradigma do saber médico. Tendo isso em vista, ao se propor um grupo dentro de um serviço de saúde, é preciso refletir se esse meio de trabalho pode atender aos objetivos estabelecidos pelas políticas sobre a atenção integral, quais seriam os impactos nos indicadores de saúde e se esses podem se traduzir em autonomia nas

práticas do cuidado (Brasil, 2013). Pensar na forma como o grupo pode auxiliar as pessoas dentro do seu processo de adoecimento ou como uma forma de facilitar o apoio mútuo pode ser um instrumento de auxiliar de empoderamento comunitário e de co-responsabilidade com a unidade de saúde. Um dos fatores mais importantes dentro do processo grupal é a facilitação da autonomia dos seus integrantes. Esse movimento vai de acordo com as características do grupo e das pessoas que neles permanecem. De acordo com Ribeiro (1994), isso seria reflexo da própria característica humana que aponta para uma auto-regulação e uma autodeterminação dentro do seu desenvolvimento. Essas qualidades são refletidas no grupo no sentido de produzir a sua própria matriz de auto-regulação, cuidado e de buscar os próprios processos de cura. Rogers (1994), afirma que a medida que o grupo interage e se torna cada vez mais espontâneo no contato com o outro, o próprio grupo vai se criando naturalmente a sua própria característica de cuidar e de acolher o outro na sua individualidade, o grupo torna-se terapêutico de fato. Esse autor afirma que a atitude do facilitador (profissional) deve agir de modo a permitir que os membros tomem essa atitude receptiva e aberta com o outro. Por isso, o grupo deve ser proposto de forma a proporcionar a participação ativa de seus usuários como integrantes empoderados dentro do seu processo de saúde-doença como na atuação cidadã. Os sujeitos merecem uma escuta qualificada em suas necessidades e também saber acolher o outro a fim de contribuir com o processo formativo próprio dos grupos, corroborando com as demandas particulares e coletivas desenvolvendo assim, um genuíno senso de pertença ente seus integrantes (Brasil, 2013). Esta oportunidade de capacitar os usuários, valorizá-los em suas experiências e saberes é que se configuram como novas práticas de cuidados e suas tecnologias, totalmente passíveis de replicação nos serviços de saúde na Atenção Básica.

5 | RESULTADOS

Enquanto um resultado primitivo dessas notas de discussão, espera-se que os objetivos deste trabalho sejam devidamente atingidos: a formação dos grupos terapêuticos segundo a estrutura proposta, que encontrem sua capacidade terapêutica, fomentando o empoderamento dos usuários e como um instrumento aliado das Unidades Básicas de Saúde nas práticas do Cuidado. Espera-se ainda, que este modelo de trabalho possa ser replicado em outras Unidades de Saúde (UBS's) e possivelmente em outros órgãos da Atenção Básica, de acordo com as demandas dos usuários de cada órgão.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da reflexão sobre esse tema, é possível compreender a proposta de criação de grupos comunitários terapêuticos como uma ferramenta de empoderamento

dos usuários dos serviços de saúde na Atenção Básica, a partir do desenvolvimento da autogestão e valorização de saberes e práticas originais da comunidade, respeitando a sua territorialidade. Por ser uma tecnologia acessível e que envolve as características dos profissionais envolvidos no cuidado, acredita-se que é necessário o investimento pessoal desses para que se tornem facilitadores de algum processo grupal. Cabe lembrar, que a formação grupal dentro dos serviços de saúde podem ter efeitos para além do “terapêutico”, refletem os efeitos na vida e rotina social dos seus integrantes e a depender dos objetivos de cada grupo, pode ser um reforço a aliança cidadã desses usuários.

REFERÊNCIAS

BRASIL. (2013). **Cadernos da atenção básica: Saúde Mental**. Ministério da Saúde: Brasília.

BRASIL.(2006). Ministério da Saúde. Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no sistema único de saúde. **Portaria n.971,de03de01de2006**. Disponível em:<portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/PNPIC.pdf> acesso em 16 abr 2017.

BRASIL. (2006). **Política Nacional de Humanização**. Ministério da Saúde: Brasília.

BRASIL. (2006). **Política nacional de práticas integrativas e complementares no SUS– PNPIC-SUS: atitude de ampliação de acesso**. Ministério da Saúde: Brasília (Série B. Textos Básicos de Saúde).

CARÍCIO, M. R. (2010). **Terapia comunitária: Um encontro que transforma o jeito de ver e conduzir a vida**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa.

ROGERS, C. R. (1994). **Grupos de encontro**. 7ed. Martins Fontes: São Paulo.

RIBEIRO, J. P. (1994). **Gestalt-terapia: o processo grupal: uma abordagem fenomenológica da teoria do campo e holística**. Summus: São Paulo.

ZIMERMAN, D. E. & Osório, L. C. (1997). **Como trabalhamos em grupos**. Artes Médicas: Porto Alegre.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-215-9

